

Capítulo 1

INOVAR PARA SUSTENTAR O DESENVOLVIMENTO

Inovar para sustentar o desenvolvimento: desafio para o Brasil

Os pequenos negócios e o empreendedorismo inovador no século 21

Inovação para a sustentabilidade – o imperativo de uma nova era

A competitividade e a inovação – uma questão de capacidade?

Inovação: conceitos e abordagens

Inovar para sustentar o desenvolvimento: desafio para o Brasil

João Carlos Ferraz

Felipe Silveira Marques

Érika Amorim Araújo¹

Introdução

O desenvolvimento resulta de processo de mudança estrutural, por definição, desequilibrado, cheio de tensões. Os economistas de filiação *schumpeteriana* têm uma expressão muito pertinente: durante períodos de intensa mudança, ocorrem desencontros entre “velhos” e “novos” ativos e competências. Há hiatos que não se encaixam, e o mais relevante: num momento de incertezas, terão vantagens aqueles que tiverem a atitude de experimentar o novo. Alguns falharão, outros vencerão, mas o que importa é menos a certeza de acertar ou errar e muito mais a experiência de fazer algo diferente.

O processo de inovação é, portanto, essencial para mitigar os desequilíbrios inerentes ao processo de crescimento e desenvolvimento. A capacidade de inovar é chave para todos aqueles que almejam estabelecer uma trajetória de desenvolvimento sustentável de longo prazo.

¹ Economistas. O primeiro é vice-presidente. Os demais, assessores da presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Este artigo resume a palestra proferida pelo primeiro no III Encontro Nacional dos Agentes Locais de Inovação, promovido pelo Sebrae.

Este artigo faz uma reflexão em torno do desafio de inovar para sustentar o desenvolvimento e está dividido em quatro partes. A primeira oferece uma leitura das principais tendências observadas em um mundo que se defronta com um ambiente de prolongada crise econômico-financeira e transição de paradigmas; a segunda parte apresenta alguns elementos que definem as características básicas do processo de desenvolvimento brasileiro no momento atual; a terceira, a partir do contraste entre mundo e Brasil, indica perspectivas. Por fim, a quarta parte traz reflexões sobre a inovação como sustentáculo do desenvolvimento e resposta às incertezas do quadro atual.

O mundo em que vivemos e o futuro: algumas certezas e muitas dúvidas

A atual crise financeira está contribuindo para queimar ativos e recursos obsoletos – equipamentos, qualificações, e práticas de negócios – que já não são mais produtivos. Vivemos em um ambiente marcado pela transição de paradigmas. Os novos ativos, as novas qualificações ainda são emergentes. Alguns deles conseguimos perceber de maneira relativamente clara; outros, que serão dominantes no futuro, ainda não se consolidaram. No contexto vigente, prevalece a incerteza que alimenta e é alimentada por uma crise de prolongada duração, o que significa que ainda vamos conviver com incertezas por um longo período.

A economia mundial apresenta países que avançam em velocidades muito diferentes. Alguns países da Ásia estão em um ritmo de crescimento completamente distinto de outros da mesma região. Na Europa, há países em uma crise séria e outros, em menor grau, com situações menos precárias. Como se trata de um processo amplo com velocidades diferenciadas, a nossa capacidade de generalizar processos no atual momento da economia mundial é muito limitada. Essa é a primeira tendência a ser observada pelos países, onde se inclui o Brasil, que buscam um caminho para o desenvolvimento sustentável.

Aos poucos, vão surgindo novos protagonistas entre as velhas lideranças da geopolítica mundial. A China, a Índia e o Brasil serão relevantes na mesa de negociação internacional. O que não sabemos ainda é se essa multipolaridade será negociada ou conflituosa. Sabemos que a China será protagonista, mas não sabemos como a China será protagonista. Sabemos que a Índia e o Brasil serão protagonistas, mas não sabemos como esses dois países exercerão o novo papel. Essas respostas ainda são desconhecidas.

Uma segunda tendência provável, que independe do que acontecer na economia central – e estamos assistindo um exemplo no Brasil – refere-se à incorporação de muitos trabalhadores aos mercados e à formação de uma nova classe média cujas aspirações e padrões de consumo ainda não são dominantes.

Muito se fala de países emergentes (*emerging countries*), mas na verdade estamos falando é de classes médias emergentes. E quais são as suas aspirações? O que querem e vão querer? A referência que se tem é a do norte-americano: ele quer ter pelo menos um grande carro, casar e poupar para mandar o filho à universidade. Esse é um estereótipo conhecido. Teremos o mesmo estereótipo para o mexicano, o indonésio, o brasileiro, o chinês?! Não conhecemos as aspirações, não conhecemos qual é a estética preferencial da classe média emergente. Não conhecemos; possuímos apenas algumas referências genéricas.

Mesmo que as economias centrais se encontrem em crise, a demanda nos países de renda média e alta ainda é economicamente relevante. Por mais que a taxa de crescimento da China seja muito elevada, 2/3 da demanda mundial ainda se encontra nos países da OCDE². Neles está a riqueza estabelecida e os definidores de padrão de consumo, por enquanto.

2 Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

Do ponto de vista político, temos a eclosão de fatos como a democracia árabe, os indignados na Porta do Sol, em Madrid, na Espanha, os jovens estudantes em Santiago, no Chile. Existe assim uma grande agitação, a exemplo do que ocorria nos anos 60. Entretanto, as aspirações atuais são muitas, estão dispersas e as frustrações se multiplicam. Há um sentido de impotência enquanto àquela época se sonhava com um mundo diferente. Hoje, a sensação de incapacidade para realizar sonhos é maior e não há muito espaço para utopias coletivas.

Os estudantes do Chile querem mais educação; os jovens árabes querem mais liberdade; os ocupantes de *Wall Street* querem menos *Wall Street*. É um mundo que está sob contestação, mas sem nortes claros. O Brasil oferece um exemplo de que é possível consolidar uma democracia, mas o processo democrático, atualmente estável, é fruto do amadurecimento das nossas instituições que vem desde 1988. Para os países que estão apenas estreando democracia, haverá ainda um longo caminho a ser percorrido.

A terceira tendência provavelmente é algo que o Brasil conviverá durante muitos anos e na realidade concreta do exercício daqueles que forem apoiar as empresas: o acirramento da concorrência. Se de um lado, as economias centrais estão com baixo crescimento e têm muitas empresas competentes, e se de outro, surgem, cada vez mais, empresas competitivas nos países ditos emergentes, o resultado é que há muitas empresas para poucos mercados. Portanto, a competição pela geração, distribuição e, principalmente, pela apropriação de riquezas vai ser feroz em qualquer espaço.

Além do acirramento da concorrência, deverão ocorrer mudanças muito fortes nas próprias práticas competitivas. Cada vez mais TI, *Cloud Computing*... Mas não se sabe que normas e práticas serão vencedoras e, provavelmente, superaremos “a norma”, o *just in time*, o padrão japonês, o ciclo de controle de qualidade. É provável que não haverá apenas um padrão e sim vários, e ainda não sabemos organizar ou mesmo reconhecer esses padrões.

Obviamente que, em um contexto dessa natureza, outra tendência provável é que a pressão sobre recursos – entendidos em sentido amplo – será muito forte. Recursos humanos, insumos para produção, matérias-primas serão demandados em crescente volume e com restrições em termos de eficiência. Os desafios associados ao meio ambiente é apenas uma das faces dessa tendência. O tema tem aumentado de importância, mas não sabemos se efetivamente a trajetória do desenvolvimento será verde, no sentido mais estrito, ou se será protagonista nas agendas públicas e privadas.

Observamos um mundo em crise, baixo crescimento, mas não se passa um dia que não se leia alguma coisa surpreendente, do ponto de vista da inovação tecnológica, por exemplo, o anúncio do último *gadget* que atrai a atenção de todos e a impressão em 3D. A tendência é que o ritmo de progresso técnico seja bastante acelerado nos próximos anos, e associado a ele haverá investimentos crescentes por parte de alguns países e de muitas empresas em inovação.

Por último, o mundo assiste um pêndulo entre o peso relativo da economia de estado *versus* economia de mercado. Contrapor esses dois agentes é sempre problemático, mas sem maiores considerações e simplificando, podemos dizer que hoje em dia, o pêndulo está tendendo para se ter um maior ativismo do Estado relativamente ao que se tinha há poucos anos.

O desenvolvimento recente e a trajetória brasileira

Antes de passarmos para o caso brasileiro, precisamos ter em conta a emergência de questões que refletem um mundo que experimenta séria disjuntiva: seremos capazes de sustentar os benefícios do progresso alcançado para aqueles já incluídos e, ao mesmo tempo, provê-los para aqueles ainda em processo de inclusão? No futuro próximo,

seremos cerca de 9 bilhões de pessoas no planeta. Qual será o padrão de consumo dominante? E que sistema será esse que vai gerar esses bens, se todos forem todos incluídos? Qual será a capacidade do sistema inteiro de suportar essa demanda? As respostas serão positivas à medida que se logre o desenvolvimento sustentável, cujo o escopo devem ser os quatro pontos destacados, a seguir:

(i) *Desenvolvimento sustentável pressupõe uma longa temporalidade.* Podem ocorrer flutuações no decorrer de uma trajetória ascendente, de crescimento, mas o desenvolvimento para ser sustentável precisa ser sustentável ao longo do tempo.

(ii) *Desenvolvimento pressupõe o uso eficiente dos recursos* tanto no sentido de mitigar emissões como de maximizar a recomposição daquilo que foi queimado, o que será objeto de muita preocupação dos agentes de inovação.

(iii) *Desenvolvimento sustentável requer inclusão econômica e social com igualdade de oportunidades.* Se não formos capazes de nos mover nesse sentido, podemos ter uma porção de brasileiros incluídos, mas sem possibilidades de mudança efetiva.

(iv) *A âncora do desenvolvimento sustentável é a capacidade de inovar das instituições.* Inovar significa não apenas estar presente no jogo, mas estar sempre capacitado a participar do jogo ao longo do tempo. Significa ser mais eficiente, ser capaz de introduzir mudanças continuamente. Inovar significa abrir oportunidades, oferecer mais e melhores empregos.

A trajetória recente do desenvolvimento brasileiro tem se caracterizado pela democracia, inclusão econômica e social, investimento crescendo à frente do produto e estabilidade macroeconômica. Vejamos cada um desses pontos.

(i) *Democracia*. Não percebemos plenamente os valores que estão sendo conquistados e consolidados no dia a dia desde a última Constituição, em 1988. Vivemos em um país democrático cuja Carta está orientada para a inclusão, para o bem-estar, o que por si só é um desafio extraordinário e requer tempo e políticas bem orientadas para ser superado.

(ii) *Inclusão econômica e social*. A ascensão da classe “C” impulsiona o consumo e todo um processo de mudança na base da pirâmide social brasileira. Estamos rompendo um paradigma de suposta dicotomia entre crescer e distribuir, que até pouco tempo atrás era quase um consenso. Diferente de outros países onde essa dicotomia encontra evidências empíricas, o Brasil está crescendo com distribuição de renda, mas ainda há um longo caminho para avançarmos, uma vez os nossos graus de desigualdade são bastante elevados.

(iii) *Investimento crescendo à frente do produto*. Enquanto a taxa de crescimento do investimento estiver superior à taxa de crescimento do PIB, estaremos criando capacidade produtiva e empregos, além de evitarmos gargalos inflacionários mais adiante. Crescimento, desenvolvimento, estabilidade e investimento são processos que se interligam de maneira virtuosa.

(iv) *Estabilidade macroeconômica é fundamental*. A estabilidade tem uma lógica que é basicamente a seguinte: as pessoas têm tranquilidade sobre onde deixar seu dinheiro e com relação ao horizonte econômico à frente. Elas podem fazer cálculo econômico e tomar decisões com o horizonte cada vez mais longo, quanto mais estabilidade houver.

Esses são ativos importantes para avançarmos em direção ao desenvolvimento sustentável. São condições necessárias, mas ainda insuficientes. Na próxima seção, veremos alguns desafios com os quais o Brasil tem se deparado.

Desafios ao desenvolvimento sustentável do Brasil

É importante destacar o caráter desequilibrado do desenvolvimento, que, diferentemente do crescimento, é um fenômeno multidimensional. Essa diferenciação fica evidente quando ocorrem muitos processos convergentes em diversas áreas da nossa vida, das artes à construção civil. O Brasil viveu um período intenso de desenvolvimento, de transformação ou de mudança estrutural nos anos 50 quando se podem citar vários aspectos marcantes, como a construção de Brasília, a industrialização do Plano de Metas e mesmo o advento da Bossa Nova.

Nada disso foi por acaso. Não se sabe exatamente como as modificações ocorrem, mas a sociedade de repente dá saltos. É preciso fazer uma análise para se reconhecer os sinais de mudança, de ativismo na economia e em outras áreas. Esse é o caráter multidimensional do desenvolvimento.

Desenvolvimento é um processo. Ele é desequilibrado, tenso, mas também cumulativo. O aumento da nossa capacidade de consumir e a inclusão econômica demoraram muito tempo, mas quando ocorreram se reforçaram, ocasionando por vezes um hiato na capacidade de resposta do sistema produtivo frente ao consumo.

Alguns processos são muito rápidos, como a produção de televisores, na qual é possível ampliar a capacidade produtiva em uma velocidade muito grande da mesma forma que se pode desacelerá-la. Tal não ocorre na indústria automobilística, que leva até três anos para aumentar sua

capacidade de produção. Há um hiato diferenciado entre consumo e produção de bens e serviços.

Pensemos nos automóveis. As ruas estão cheias deles, por isso, é preciso construir estacionamentos, infraestrutura, portos, rodovias etc. O tempo de maturação dos investimentos em infraestrutura, por seu turno, é ainda maior do que o necessário para a expansão da capacidade produtiva da indústria automobilística. Portanto, agora há um hiato também entre a produção e a construção da infraestrutura. E esse hiato é ainda maior na formação de recursos humanos qualificados.

Isso indica que a sociedade brasileira vai conviver com tensões associadas ao desenvolvimento desequilibrado durante muito tempo. E a capacidade de negociar essas tensões vai definir o sucesso da sustentabilidade da nossa trajetória.

Para onde ir? Temos um peso enorme que é o nosso passado. A experiência mostra que desde quando os portugueses exploravam pau-brasil, vivíamos de termos de troca favoráveis durante os vários ciclos da economia – do ouro, do açúcar, do café. Enquanto o ciclo estava fluindo no mercado global, o país seguia crescendo. Mas quando os preços internacionais declinavam, o ciclo se esgotava – e a economia nacional seguia na mesma direção. Esse passado nos condena. Essa é a nossa história.

A questão agora é: será que vamos aproveitar o momento atual? É possível que tenhamos termos de troca favoráveis durante muitos anos. Provavelmente o minério de ferro continuará em alta por mais alguns períodos, porque a demanda por infraestrutura também estará ascendente. Mas essa *commodity* deve ser substituída pelas proteínas à medida que os países atingirem maior patamar de renda e, conseqüentemente, mais consumo que deverá pressionar a demanda por soja e carne, que tendem a manter preços firmes por um longo período.

Podemos seguir em frente enquanto o mercado internacional for favorável, mas o problema se modifica quando

houver crise. Isso já ocorreu no passado. É um crescimento dependente com baixa sustentabilidade. Outra possibilidade é seguir rumo ao desenvolvimento sustentável e aproveitar esses tempos de termos de troca favoráveis para fortalecermos nossa capacidade de resistir a choques externos e ocupar espaços em um mundo de baixo crescimento.

Vetores de um desenvolvimento sustentável

É possível que consigamos superar o passado porque o que se configura é um perfil de oportunidades diferentes. Se pensarmos nas estratégias já implementadas no Brasil, elas sempre foram no sentido de empurrar a oferta ao mercado. Exemplos: no Plano de Metas criou-se a indústria automobilística; nos primeiro e segundo Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) foi criada a indústria naval... Ou seja, criamos a oferta à frente da demanda. Hoje, o Brasil se confronta com firme demanda do mercado externo e, simultaneamente, também há forte demanda no mercado interno, seja pelo consumo, seja pelos investimentos em infraestrutura.

Do ponto de vista econômico, é mais lógico um desenvolvimento impulsionado pela demanda e, principalmente, induzido por políticas públicas. O BNDES faz análise sistemática da tendência do investimento que ocorre por detrás dessa demanda. Cerca de 50% da formação bruta de capital fixo são cobertas por esse painel de empresas. Entre 2007 e 2010, o Brasil investiu R\$ 1,4 trilhão e, entre 2012 e 2015, o crescimento projetado é de 35,5% sobre o período anterior (*veja quadro*), quando o país iniciou a trajetória de investimento crescendo à frente do produto de forma sistemática. Serão quase R\$ 2 trilhões de investimentos na economia brasileira e as taxas mais expressivas de crescimento estão na construção civil, na indústria de petróleo & gás e na infraestrutura – portos, rodovias e ferrovias. Essas áreas já começam a apresentar uma taxa de expansão expressiva. Esse é o perfil possível de se delinear como vetores da perspectiva brasileira.

Perspectivas para o Investimento

| Setores | 2007-2010 R\$ bilhões | 2012-2015 R\$ bilhões | Variação % |
|----------------|--------------------------|--------------------------|---------------|
| Indústria | 450 | 596 | 32,5 |
| Infraestrutura | 322 | 397 | 23,3 |
| Residencial | 596 | 860 | 44,2 |
| Total | 1.368 | 1.852 | 35,5 |

Fonte: BNDES. Painel que representa algo em torno de 50% do investimento total

Falamos sobre o comportamento da demanda. Agora, vamos verificar a oferta, os componentes centrais do desenvolvimento. Primeiro, quanto à oferta de mão de obra, estamos atravessando um período de transição demográfica em que a taxa de crescimento da população está diminuindo de um modo tão pronunciado que para absorvermos a população que quer entrar no mercado de trabalho bastará um crescimento de 2% em 2012. Há nove anos, essa taxa teria que ser de 4% ao ano. Essa diferença mostra a velocidade da atual transição demográfica no Brasil.

Ponto dois: o desemprego formal é baixo e decrescente; os salários reais estão crescendo. Com a formalização do emprego e a expansão do crédito, aumenta o potencial do mercado interno. Mas o emprego em alta, em algum momento, vai definir um teto para o crescimento quantitativo por falta de oferta de mão de obra. Esse teto vai demandar novas fontes de crescimento, se tivermos “pleno emprego” e uma população economicamente ativa, crescendo a 1% ao ano.

Assim, coloca-se o imperativo da produtividade como um terceiro ponto. O crescimento da produtividade no Brasil foi de 1,3% a.a. no período de 1991 a 2010, inferior ao dos Estados Unidos, China e Índia em termos de valor adicionado por trabalhador. O comportamento da produtividade do trabalhador, no entanto, varia bastante em períodos específicos e em diferentes setores da economia, tendo crescido 6,1% no período 1992-1998 e 18,1% de 1999 a 2008 (*veja quadros*).

Crescimento da Produtividade (taxa média anual)

| País | 1991-2010 |
|----------------|-----------|
| Brasil | 1,3% |
| Estados Unidos | 1,8% |
| China | 8,3% |
| Índia | 4,7% |

Fonte: Conference Board

| Brasil, 1992-2008 | | | |
|-------------------|--------------------------------------|-------------------|------------|
| Período | Produtividade do Trabalho (variação) | Efeito | |
| | | Progresso Técnico | Composição |
| 1992-1998 | 6,1% | 8,1% | -2,1% |
| 1999-2008 | 18,1% | 17,9% | 0,2% |

Fonte: Cepal

Se quisermos crescer 4,5% a.a., a produtividade terá que aumentar 3,5% enquanto o emprego e a população economicamente ativa crescerão 1,1%. Mas entre 1991 e 2010, a produtividade da economia brasileira cresceu apenas 1,3%. A taxa de crescimento da produtividade terá que ser três vezes maior para o país registrar uma expansão de 4% ao ano. Esse é o desafio que teremos pela frente!

A produtividade brasileira é muito baixa e há uma diferença acentuada entre setores. Por exemplo, a agropecuária cresceu 6,7% entre 1995 e 2008, não só porque os preços das *commodities* agrícolas estavam melhores como os produtores rurais apresentaram alta eficiência no período. Já a indústria extrativa apresentou expansão de 4,4%; eletricidade, água e esgoto, 2,4%; comércio, 0,1%; enquanto na indústria de transformação e na construção civil houve recuo de 0,2% e 1,2%; respectivamente (*ver tabela*).

Produtividade Setorial, 1995-2008 (Crescimento médio anual)

| Valor Adicionado / Trabalhador | Ganhos a.a: 1995-2008 |
|--------------------------------|-----------------------|
| Média | 0,9% |
| Agropecuária | 6,7% |
| Indústria Extrativa | 4,4% |
| Indústria de Transformação | -0,2% |
| Eletricidade, Água e Esgoto | 2,4% |
| Construção | -1,2% |
| Comércio | 0,1% |

Fonte: BNDES

A taxa de crescimento da produtividade brasileira, portanto, apresenta grande variação entre setores. Além disso, cresce mais por dentro de cada setor (efeito do progresso técnico) e pouco pela transferência de trabalhadores de setores de baixa produtividade para aqueles de maior produtividade (efeito composição). Esse quadro define um desafio de modernização da economia brasileira.

Os agentes locais de inovação (ALI)³, provavelmente, serão os profissionais que mais vão observar esse fenômeno e, ao mesmo tempo, serão os mais capazes de ajudar nessa mudança. Porque “mudar uma grande empresa é muito difícil”, mas uma pequena mudança também muda muita coisa, o efeito base também importa e é um enorme desafio.

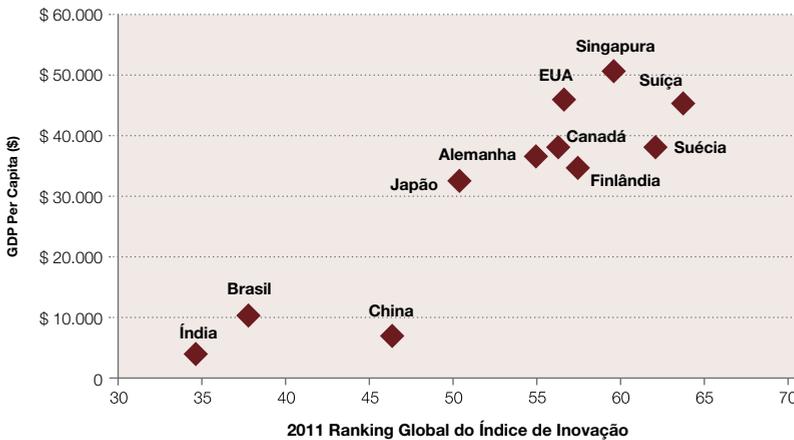
À guisa de conclusão: a inovação como sustentáculo do desenvolvimento

A figura, a seguir, mostra como a inovação é um elemento central de sustentabilidade e competitividade. O gráfico tem no eixo

3 ALI – Agente Local de Inovação é um programa nacional do Sebrae que atua diretamente nas empresas de pequeno porte com o objetivo de promover a inovação e, com isso, aumentar a competitividade desse segmento.

vertical o PIB *per capita* e no horizontal, um índice composto de inovação – não é só pesquisa e desenvolvimento, mas uma série de indicadores. Há relação direta entre PIB *per capita* e capacidade de inovar como mostram as posições ocupadas por países como Singapura e Suíça. O Brasil tem feito grande esforço para promover inovação, mas ainda registra cerca de 1% do PIB em P&D.

Índice INSEAD de Inovação e PIB/Capita, por país

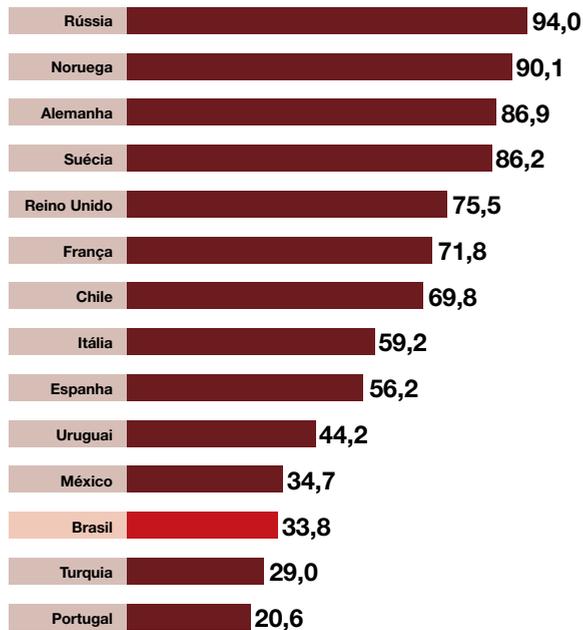


Entre 2006 e 2010, empresas líderes mundiais consideradas “mais inovadoras” cresceram duas vezes mais rápido (receita e valor de mercado) do que as maiores empresas mundiais (Forbes Global 100). Portanto, as empresas devem inovar para estar à frente dos concorrentes e se beneficiar de ambientes indutores: infraestruturas, principalmente tecnologia da informação e comunicação (TIC) e serviços técnicos de engenharia (STE), instituições de apoio e políticas públicas ativas. Faltou o gráfico do desempenho das empresas.

Talento é um recurso crítico que vai diferenciar a prosperidade de países e empresas. O caminho a ser percorrido pelo Brasil é ainda mais longo em relação às competências. O quadro abaixo mostra a porcentagem de trabalhadores com pelo

menos ensino médio completo. O Brasil está destacado em vermelho e, na comparação com outros países, ainda é grande a distância que nos separa.

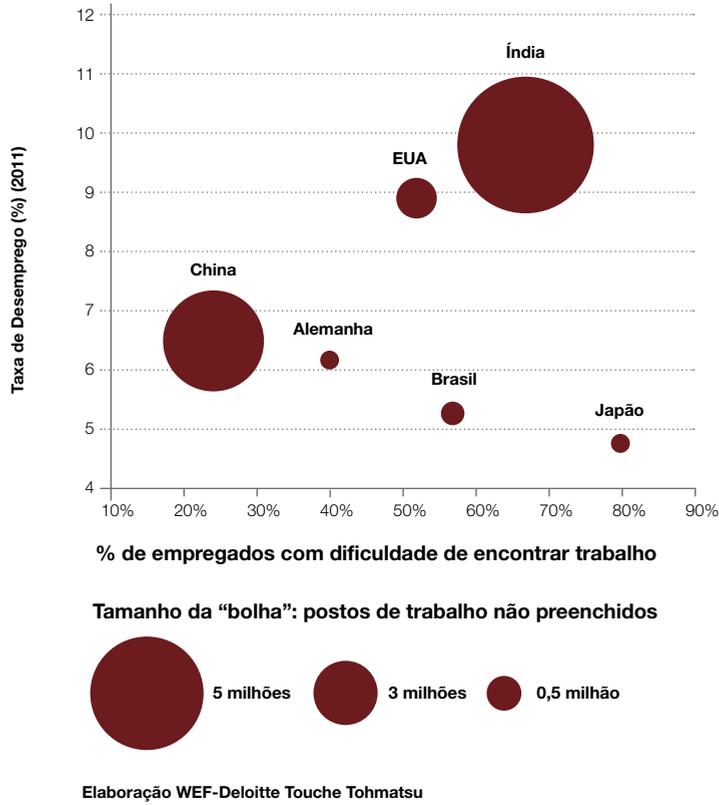
Brasil: % de trabalhadores com pelo menos ensino médio completo



Fonte: OIT

O gráfico a seguir mostra que hoje existe no mundo, apesar da crise, pelo menos 10 milhões de postos de trabalho não ocupados na indústria de transformação. Mesmo nos Estados Unidos ou na Europa, há forte demanda por talentos para ocupar determinadas posições. Há ainda os postos de trabalho não preenchidos, que chegam a 5 milhões (bola grande), 3 milhões (bola média) e meio milhão, bola menor.

Postos de trabalho não preenchidos



No Brasil, apesar do nível de desemprego baixo, ainda se observa forte demanda por trabalho. Há demanda, há perspectivas do investimento crescer à frente do produto, temos oportunidades importantes, um modelo que está se estabelecendo, há inclusão, há democracia, mas ainda temos algumas carências: a nossa produtividade é baixa e, por trás disso, está a nossa limitada capacidade de incrementar a produtividade.

Devemos estar preocupados em transformar velhos ativos em competências. Não se trata simplesmente de destruí-los, por exemplo, eliminando postos de trabalho, máquinas e equipamentos obsoletos por meio da introdução de automação

comercial ou industrial. O que precisamos é ser extremamente obsessivos em experimentar e praticar o novo.

A competência para fazer os outros terem competência é muito importante: essa é a competência central para o desenvolvimento sustentável e o principal ativo dos agentes locais de inovação (ALI). Os ALI receberam treinamento e serão postos à prova agora à medida que passarem a contribuir para que as empresas brasileiras de pequeno porte sejam melhores.

A inovação no Brasil finalmente está ganhando prioridade nacional. Atravessamos um momento na política industrial, configurado no Plano Brasil Maior, em que o desafio é agregar valor ao país por meio da inovação. Existe um movimento de grandes empresas, com participação ativa do Sebrae, a Mobilização Empresarial pela Inovação (MEI)⁴, onde há dois anos os grandes empresários brasileiros declararam incondicionalmente que gostariam de dobrar o número de empresas inovadoras em até quatro anos.

A gestão da inovação é o “calcanhar de Aquiles” nas micro e pequenas empresas. A iniciativa do Sebrae com os ALI, portanto, tem importância estratégica. A tarefa definida pela MEI está nas mãos dos ALI. Não serão as grandes empresas as mais capazes de dobrar o número daquelas efetivamente inovadoras. Esse é um desafio colocado para os ALI. Esses agentes são os mais habilitados e capacitados para duplicar o número de empresas inovadoras no Brasil. Cada ALI está fazendo parte da construção do desenvolvimento sustentável brasileiro.

4 MEI é um movimento liderado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) que visa incorporar e aprimorar a gestão da inovação nas empresas brasileiras e ampliar a efetividade dos instrumentos públicos de fomento à inovação no país.